



2 de Junho de 2012

Casa do Alentejo

Por Kalidás Barreto

Camaradas,

Em 1976 com o aproximar do “Congresso de Todos os Sindicatos”, as posições radicalizam-se.

É então que eu e o saudoso Manuel Lopes dirigimos um apelo aos Trabalhadores conscientes dos seus interesses de classe; a todos os Dirigentes Sindicais que jamais se serviram, mas que sempre estiveram ao serviço. Sem paternalismos mas com toda a nossa experiência de luta; sem demagogia, mas com o nosso exemplo de militantes Sindicais Têxteis, com vários anos de UNIDADE na luta; sem partidarismos, pois que pertencemos a diferentes correntes políticas.

Ontem como hoje, porém, de mãos dadas, ao serviço dos que confiaram em nós, com um pensamento comum e permanente! A UNIDADE DA CLASSE!

Não nos movem outros sentimentos. Pedimos-vos que nunca vos esqueçais que sois Trabalhadores. E qualquer que seja a vossa ideologia, não duvideis que só nós, os Trabalhadores, poderemos realizar com eficácia os nossos objectivos.

Ninguém o fará por nós; tragam os rótulos que trouxeram.

Quando em face dos inquietantes e iniludíveis desencontros verificados no movimento Sindical após o 25 de Abril foi lançada a ideia da realização de um Congresso de todos os Sindicatos, isso foi recebido e com todo o entusiasmo.

Alertamos porém todos os Trabalhadores para as extremas dificuldades que se nos deparam. As forças do capital estão atentas.

Sacrifiquemos pois um pouco o nosso em favor do colectivo; sacrifiquemos o “Eu” ao “Nós”. E quem não for capaz de tal esforço, quem não sentir esta necessidade, que não se reclame de adepto da construção da sociedade livre socialista.

Ou somos capazes agora ou a história nos denunciará como divisionistas. Esta é a grande opção!

Este excerto da carta que em 1976, eu e o Manuel Lopes enviámos aos trabalhadores, já lá vão 36 anos, tem actualidade.

Os tempos passaram mas a Unidade continua a ser uma palavra de ordem, nos termos ali visados. Pergunto são os tempos de hoje diferentes? Infelizmente não!

O povo não precisa de demagogia nem de promessas: O povo tem fome e pede justiça!

Esta fome e sede de justiça perante a ineficácia do Poder, pode por si transformar-se, rapidamente em intolerância. E é isto que urge evitar.

E o medo voltou. O medo de estar doente e não ter com que se tratar; o medo de tomar atitudes e perder empregos ou não o conseguir para os filhos; o medo de falar para não criar as más vontades dos detentores do capital.

E as pessoas tornam a olhar-se desconfiadas, com medo da denúncia; e as pessoas sem o saberem, vão perdendo o direito da cidadania. Em vez do internacionalismo proletário temos o internacionalismo capitalista. Até quando?

O 25 de Abril feito para libertar as pessoas para que o povo se encontrasse de novo com a sua dignidade não pode ser esquecido. É urgente!

Somos pessoas não somos números! Viva pois à CGTP unitária atenta aos tempos de hoje. Viva os ideais de Abril!

Lisboa, 2 de Junho de 2012

Kalidás Barreto